

A permacultura é uma grande sacada!
Na verdade, o David Holmgren,
quando fez a tese de mestrado dele,
ele compilou todas essas técnicas, no mundo inteiro,
de práticas agrícolas,
mas também as práticas sociais da cooperação,
do trabalho coletivo, da parceria.
Nada na natureza está só.
Não adianta plantar uma árvore sozinha.
Tudo está inter-relacionado.
Na permacultura a gente não cria os elementos,
a gente cria a inter-relação entre eles.
O bom permacultor...
cria a inter-relação entre a planta e a abelha,
que é a polinização.
Ao aumentar a polinização, você tá criando conexão.
Então eu vi ali uma verdadeira engenharia ambiental,
digamos assim,
onde eu via uma relação mais harmônica com a natureza,
e não só com a natureza, mas entre as pessoas também.
A permacultura só acontece por causa das pessoas.
Se elas não estiverem dispostas a fazer uma mudança de vida...
Porque é uma mudança de vida mesmo.
É você se enxergar como parte do todo...
e se você estragar com o todo, você também vai se estragar.
É uma filosofia, é um modo de vida,
essa consciência de o quanto nós, seres humanos,
podemos fazer essa escolha de viver:
ou impactando todos os dias...
ou amenizando o nosso impacto,
mas mais do que amenizar o nosso impacto,
é de trabalhar e de viver...
cada ato do seu trabalho...
de forma consciente.
O que eu percebo é que não tem nada mais poderoso...
do que o sonho coletivo...
quando a gente trabalha junto com a natureza.
Não existe nada mais poderoso!
As pessoas têm uma capacidade
de se organizar horizontalmente...
e de cada um, com o seu talento,
entrar num equilíbrio, numa harmonia,
e num fomento criativo de ideias e de ações...
que não tem parada, não tem volta.
A permacultura propõe participar dos ciclos naturais.
Se nos códigos de obra fosse necessário...
ou fosse lei capturar água de chuva,
muito já mudaria nas cidades.
É isso o que a permacultura é. Ela propõe...
que nós sejamos responsáveis pela nossa existência,
buscando produzir aquilo que a gente necessita
pra ter um futuro.

É tu te perceber dentro do processo de conexão.
Tu não é um personagem que assiste à natureza...
e faz dela o que tu quer. Tu pertence a ela.
Nós pertencemos a esse ambiente.
A gente interage com ele.
A minha relação com esse espaço...
se irradia para o espaço e por todos que frequentam o espaço.
É essa conexão que a gente tem que entender...
que todos nós fazemos parte desse processo.
E a permacultura é isso...
é uma coisa que você leva no coração.
Você semeia ela no coração e não tem mais como tirar.
Semeou, enraizou pra sempre.
Então, a gente tem grandes inspirações do passado...
e grandes inspirações no presente.
Juntar esses rios.
Eu cresci em São Paulo, num bairro urbano, até os 10 anos.
Minha mãe é paisagista.
Então, desde criança, eu sabia...
que ela estava lá mexendo com planta, fazendo adubo.
E eu sempre estive presente. Eu ia nas obras...
Eu adorava ver ela plantando e brincava nos montes de terra.
Quando eu entrei na faculdade, estudei Arquitetura.
Eu sou formatado, eu digo, como arquiteto.
Porque hoje em dia a educação formata as pessoas.
Ela não forma pra vida,
mas ela formata para reproduzir.
A gente não é incentivado a criar nada novo.
A gente é incentivado a reproduzir...
a copiar o texto... reproduzir a fórmula.
A gente não é incentivado...
nem a sobreviver, porque o que precisamos pra sobreviver...
é água, energia, comida,
e nada disso a gente é incentivado a produzir.
A gente é incentivado a comprar.
Eu tive a oportunidade de vir pro IPEC
e isso realmente mudou a forma de pensar,
que é o que a permacultura faz:
ela não te dá uma receita, mas uma forma de pensar diferente.
A gente diz que o IPEC sempre teve dois trilhos:
um é a bioconstrução e o outro é a permacultura.
E o nosso trem tem uma direção só,
que é a que não atrofia a vida.
O curso Bioconstruindo nasceu no ano de 2001,
com a intenção de criar...
um parâmetro que a gente estabeleceu,
técnicas que a gente acredita que sejam necessárias...
pra uma pessoa poder construir sua própria casa.
A permacultura é muito mais...
além de permanecer a cultura do chinês,
do americano, do gaúcho,
e sim criar uma forma de que nós, seres humanos,

permaneceremos no planeta para sempre.
E como isso é possível? O que a gente precisa fazer?
Qual é a primeira mudança pra permanecer?
É perguntar o que a gente consome.
A cultura nossa é consumir antes de produzir.
Existem muitos lugares de permacultura...
que mencionam que a gente tem que sair do sistema,
que existe um sistema, e esse sistema é mau,
e a gente tem que sair dele.
Não existe isso. O sistema é o planeta Terra,
o sistema planetário, e não dá pra sair dele,
a não ser se pegar uma nave e ir pra outro planeta.
A gente tem que viver com o sistema...
e se adaptar nele.
Se a gente puder melhorar, melhor.
Sair é muito egoísta.
O ser humano é muito frágil, nesse aspecto natural.
A gente depende demais do sistema.
O que a gente tem que fazer é depender menos dele...
e criar nosso próprio sistema.
Eu sou natural de Curitiba,
mas minha relação com Campo Largo foi desde criança.
No dia em que minha mãe descobriu que estava grávida,
meu pai comprou um sítio aqui, no pé da serra.
E aí a gente vinha pra cá todo fim de semana.
Sempre tive esse contato com a terra.
O meu pai sempre plantou...
mesmo ele não sendo filho de agricultores,
mas ele sempre teve essa relação com a terra.
Eu sou muito grata...
a ele ter colocado isso na nossa vida,
porque mesmo quando a gente foi morar no sítio, em 89,
eu não queria! Eu quase levei uma surra,
porque eu não queria arrumar meus brinquedos,
não queria sair de Curitiba, não queria deixar os amigos.
Mas aí a gente foi morar no sítio,
e eu agradeço muito,
porque a gente estudava aqui em Campo Largo,
vinha de manhã pra escola, chegava da escola à tarde,
e era tomar banho de rio, andar a cavalo...
Isso é uma das lembranças mais gostosas que tenho da infância.
Oi, pessoal!
Quem vai comigo colher alface pro lanche?
Quem quer ir lá? Vamos lá?!
Então, venham! Tudo bem com vocês?
Sim!
Eu sou jornalista de formação,
mas me considero muitas outras coisas, além de jornalista.
Conheci a permacultura em 2007,
por um amigo que era de Cascavel
e veio pra cá fazer PDC.
Dura uma semana o PDC. Ele ficou essa uma semana lá...

e quando ele voltou, falou: "Isso vai mudar o mundo!".
E aí a gente começou a trocar ideias sobre isso.
E na época eu estava na faculdade...
e precisava fazer meu projeto final.
Eu falei: "Tá aí! É um negócio que parece ser muito legal...
"que poucas pessoas conhecem, então vou escrever
um livro-reportagem sobre permacultura."
O nome do livro é "PERMA o quê?",
permacultura pra quem não sabe, mas quer saber.
Não estava nos planos de fazer o PDC,
mas em setembro de 2010 a gente fez o PDC,
nesse mesmo sítio aqui em Campo Largo,
e dali não parou mais.
A gente fez o PDC, eu e o meu companheiro,
e aí a gente montou o Coletivo BioWit...
e começou a fazer pequenas ações,
primeiro, na casa de cada um,
e depois foi pegando um espacinho ali, outro aqui...
Aí os amigos foram ver: "Também quero isso na minha casa".
E no final de 2014, a Angélica e a Márcia...
já sabiam do nosso envolvimento com o meio ambiente...
e manifestaram esse interesse...
de trazer isso pro ambiente escolar.
Era uma vontade nossa também,
mas a gente não tinha como fazer isso.
Virou um programa de educação ambiental.
A gente pegou toda a ementa de educação ambiental...
do Ministério do Meio Ambiente
e embasou a permacultura dentro disso.
Então, o programa Sementinha, na verdade,
aplica projetos de educação ambiental no ambiente escolar
por meio da metodologia participativa.
A coisa de estar preparado vai ser um diferencial muito forte.
Quem souber plantar, quem souber viver da terra...
vai, talvez, ter uma chance maior do que quem não sabe.
Eu sou natural de Lages,
do Planalto Serrano daqui de Santa Catarina.
E sou fundadora e atualmente presidente...
da ONG ambientalista Instituto Çarakura.
Eu tinha duas grandes vocações:
uma delas era trabalhar com a natureza...
e a outra era trabalhar com crianças.
Então, quando eu escolhi um curso,
eu pensei que a engenharia sanitária e ambiental...
Eu pudesse exercitar essas duas áreas,
que sempre me interessaram muito.
Esse contato das crianças... a gente percebe...
que independentemente da classe social,
as crianças são muito abertas.
Eu percebo como um momento mágico...
essa oportunidade de estar dentro da floresta...
de caminhar, de respirar,

de brincar, de se sentir livre.
É algo que é muito importante
e elas são, realmente, muito receptivas a tudo isso.
Mas, por outro lado, a gente percebe esse distanciamento.
Por exemplo, quando a gente faz uma caminhada...
até uma nascente,
eu percebo que elas ficam muito impressionadas,
quando elas relacionam que as águas...
vêm de um rio, de uma nascente.
Porque essa questão da água é algo que ficou assim...
muito distante, porque... todos compram água.
Então... "De onde vem a água?",
"Aaah, a água vem da fábrica."
Então, você se reconectar com a origem da água...
é algo que é mágico.
Se dar conta que a água... já morou na floresta.
A água que chega na casa,
que é comprada... ela já morou na floresta.
Então, o trabalho de educação ambiental
é fundamental...
não só para as crianças, mas também pros pais.
Só que, como eu comentei com os pais...
a gente vai...
poder remediar...
alguns erros do passado,
mas com as crianças a gente não vai repetir esses erros.
Formando crianças conscientes.
E aí tem até uma frase que diz assim:
"Faça sol ou faça chuva... canta o tucano na Imbaúba."
Porque ele adora! É a planta preferida dele.
Então quem plantar...
vai plantar pros tucanos.
Ô Carol!
Posso deixar com você o garapuvu?
Pode...
O garapuvu a gente trouxe...
sementinhas também!
E aqui, olha...
Essa aqui, ó... é a aroeira.
Ou também conhecida como pimenta rosa.
Eu acho que a gente...
podia ter mais floresta dentro das áreas urbanas, né?
A gente tem as unidades de conservação municipal...
algumas praças, mas...
eu acho que ainda falta muito a prática, né?
Eu acho que falta isso na cultura mesmo das pessoas.
Eu acho que falta mais...
engajamento, principalmente...
pra esse envolvimento efetivo das pessoas.
Esse sentimento de bem comum, né?
Uma floresta, um parque...
é um bem comum, não tem um proprietário.

É algo que é vital e é de todos.

Eu sou engenheira agrônoma, sempre fui da linha orgânica, já há muitos anos, desde a época da própria faculdade, quando muito poucos eram...

interessados nesse tema de agricultura orgânica.

Na verdade, naquela época já, eu não acreditava muito que usar insumos químicos e agrotóxicos tinha sentido, porque eu tava colocando alimento na mesa das pessoas.

Com certeza, em muito pouco tempo, a agricultura orgânica vai dominar o espaço, porque as pessoas hoje sabem mais, dão mais valor, procuram mais.

E muitos agricultores, cansados desse envenenamento constante, estão fazendo uma migração.

Então a gente trabalha também muito com eles, dando consultoria e assessoria...

na conversão do sistema convencional pro orgânico.

Eu tenho um projeto há bastante tempo, que é o "Jardins Comestíveis".

E esse projeto é tanto urbano como rural.

E é interessante, porque muitas vezes eu desenvolvia uma oficina na cidade e vinha pessoas... do meio rural, interessadas na agricultura orgânica.

Porque sempre que divulgava os "Jardins Comestíveis", tinha a questão da agricultura orgânica, da forma de como cultivar os produtos.

O produtor, na verdade, o que ele precisa é... como fazer.

E o que levamos pra eles são essas formas de trabalhar, que livra ele da compra de insumos da agroindústria.

Porque na agricultura, a gente tem tudo em casa.

A gente tem esterco animal, palhadas...

a gente tem tudo que precisa pra fazer um bom composto.

Mas a minha influência maior, eu creio que foi da minha avó.

Nós morávamos na cidade e ela tinha jardins comestíveis, porque ela misturava as flores com as hortas... e com as hortaliças e com as folhosas.

Ela sempre fazia buquezinhos, como esse...

Eu acho que isso tudo teve uma influência muito grande em eu gostar de jardinagem, querer jardinagem e ter escolhido... essa profissão, né?

A partir da agronomia...

e uma jardinagem sempre buscando o ecológico.

Eu sou natural do Rio Grande do Sul

e tive oportunidade de estudar Engenharia Ambiental, né?

Então minha ligação com a natureza vem desde cedo,

eu tive a oportunidade de crescer em sítio...

de crescer em meio a natureza, sempre tive esse contato, e dentro disso, eu escolhi essa profissão sem conhecer muito o que realmente era a Engenharia Ambiental.

Eu acabei indo trabalhar em São Paulo...
nessas multinacionais, assim, né?
E... e acabei me frustrando lá, né?
Eu vi que o que eu tava fazendo não fazia sentido pra mim.
E foi onde eu tive, digamos assim, esse despertar,
pra seguir realmente o que eu acreditava, queria fazer.
Que foi quando eu tive contato com permacultura, agrofloresta
e tive oportunidade de conhecer na prática, né?
Agrofloresta já é praticada há muito tempo aqui no Brasil.
Vem já dos povos originários,
que praticavam já essa agricultura florestal,
que não foi reconhecida quando o branco chegou.
Quando o branco chegou, não entendeu esse meio de cultivo,
em meio à natureza, em meio à floresta, né?
Então, era tão harmônico com a floresta,
que não se percebeu aquilo como uma agricultura, né?
Então eu acho que ela, mais que uma técnica...
é uma herança desses povos que aqui viviam.
Eu pude trabalhar num sítio aqui no sul da ilha...
e nesse sítio, eu tive contato com uma família...
metade guarani e metade caiguangue,
que são duas etnias aqui da região,
e lá eu fiz uma amizade muito forte com eles,
foi também uma conexão muito... muito natural.
E a partir daí, eu acho que isso é uma amizade mesmo,
que foi a porta de entrada que eu tive...
pra conhecer as comunidades da região, as aldeias, né?
Então tinha muito conhecimento ali, guardado,
que as pessoas trazem consigo, né?
§
Então, o lago é o coração do jardim, né?
Ele tá no centro...
e todo mundo, tá vendo, tá aí entrando nele já.
E essas plantas aqui...
Essa veio sozinha, a planta que a gente vê em nascente...
E o jardim é todo comestível, a maioria é panc...
a grande maioria é panc,
e ele é todo pensado pra recolher a água da chuva
e ela ficar aqui, penetrando o solo, então,
esse é o segundo ano de seca, que atravessamos,
e eu já percebo que as plantas estão, assim...
muito mais resistentes à seca, no primeiro ano elas sofreram.
Então, a gente tá conseguindo segurar essas águas aqui.
O que eu uso aqui é composto, que produz aqui mesmo...
e as coberturas de solo, tem muita biomassa,
essa planta maravilhosa que é antúrio gigante,
bananeira... todas essas que for nascer muita biomassa,
então a gente cobre os canteiros.
E um monte de plantas que foram nascendo sozinhas, né?
Eu não arranco nada! Então, o processo é esse:
é tirar a grama...
e melhorar o solo... e ver o que acontece.

A minha formação é de Arquiteta,
eu fiz FAU, eu estudei Arquitetura na USP...
estudei um pouco de Filosofia antes...
Eu faço parte da Horta das Corujas,
também participo do coletivo Ocupe e Abrace,
que revitalizou a Praça da Nascente;
e também participo da iniciativa Nascente SP.
A minha casa...
a gente morava lá, a família toda, há 45 anos.
E ela ficava exatamente entre...
a Horta das Corujas e a Praça da Nascente.
Eu ia de roça em roça na cidade, sabe?
Eu tava sempre na natureza ali.
E... uns 3 anos atrás,
essa casa foi demolida e vai virar um prédio,
toda a minha rua sofreu esse processo,
então... eu tive que sair de lá.
E aí eu passei um ano procurando um lugar pra morar,
numa crise, assim "Onde que eu vou morar?!",
e aí quando eu encontrei essa casa, fez muito sentido,
porque aqui tem nascente, um córrego que passa na frente,
tem uma floresta...
e tinha um jardim...
que tava assim, uma tela em branco,
porque ele era um gramado velho, seco e esquecido,
um solo compactado e esquecido.
Então eu vi aqui uma grande possibilidade
de aplicar tudo que eu aprendi no espaço público...
e transformar esse lugar, num lugar de aprendizado também.
E hoje eu faço isso,
eu transformei esse jardim num lugar de abundância,
num jardim agroecológico.
Eu recolhi toda a água da chuva...
eu devolvi pro solo a fertilidade,
eu libertei o solo da grama,
então vieram todas as plantas espontâneas, as pancs, né?
E hoje a gente tem mais de 100 espécies, aqui, de plantas,
onde antes só tinha uma espécie...
e uma biodiversidade, assim, na ordem de bilhões!
Porque um punhadinho de solo vivo,
tem bilhões de organismos vivos, né?
Olha quanta comida podemos ter num pedacinho de terra!
Tudo aqui... Ó, por exemplo...
a flor da maria-sem-vergonha que nasce um monte:
huum, delícia!
A celosia é um tipo de amaranto,
a folha a gente come, come as sementinhas dela...
A ora-pro-nóbis é uma abundância...
tem mais proteína que carne, então vegano, assim...
Ninguém precisa de bife, se tiver ora-pro-nóbis no quintal!
Banana... banana... acabamos de colher a banana.
A banana também é importante pra dar essa proteção de solo,

ela fornece água... ó! É outra fonte de água.
Essa aqui, ó, é a bertalha...
Ela é liiinda!
Olha o potencial paisagístico também dessas pancs, né?
É muito mais linda do que buchinho...
e essas plantas que costumam plantar, e a gente come!
Esse aqui é o fumo... ele protege a horta.
Essa é uma plantinha de rio,
que os índios usam pra dor de dente...
Aqui tem a buva... cadê a buva?
A buva também é uma das que nascem
em plantação de milho transgênico...
ela vem quebrando essa história.
A mamona, maravilhosa, nasceu sozinha...
e é uma planta incrível pra adubar também.
A gente faz um adubo das folhas dela.
E a torta de mamona dá sementes dela, né?
O mamão veio sozinho...
Essa aqui é a bertalha-coração, ela tem forma de coração
e adorou trepar aqui!
A capuchinha...
Capuchinha é uma delícia, supernutritiva!
Então tudo aqui... é comestível!
Dá pra gente alimentar uma galera!
A revolução gentil é a nossa resposta.
A resposta das pessoas comuns...
contra toda essa loucura
dos venenos, do agrotóxico...
e da natureza sendo subjugada!
Então a nossa resposta é a permacultura,
é a agroecologia, é a biodiversidade...
é trabalhar em coletivo... é inteligência coletiva.
Então, a revolução é essa, é a gente se colocar...
como uma das...
presenças na natureza, né?